



HETERONORMATIVIDADE, PRODUÇÃO DA HOMOFOBIA E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Autora: Renata Queiroz Maranhão

*Universidade Estadual do Ceará (UECE), Faculdade de Educação de Itapipoca
(FACEDI)*

E-mail: blaset30@gmail.com

Coautor: Márcio José Pinto Firmino

E-mail: marciojster@hotmail.com

*Universidade Estadual do Ceará (UECE), Faculdade de Educação de Itapipoca
(FACEDI)*

Coautora: Alexsandra Maria Sousa Silva

*Universidade Estadual do Ceará (UECE), Faculdade de Educação de Itapipoca
(FACEDI)*

E-mail: alexsandramss88@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo conhecer como está sendo feito o trabalho em educação sexual promovido por uma escola participante do Programa Saúde nas escolas – PSE, do governo federal. O programa possui como atividade programática a implementação de orientação sexual nas escolas, dentre outras ações. A presente pesquisa tem por objetivo compreender quais temas estão sendo tratados e os modos como isso está sendo feito. De modo mais específico, procura identificar se nestas ações estão sendo desenvolvidas práticas de combate à homofobia. Para tanto, foi elaborado e aplicado um questionário 5 e professores e 3 gestores de uma escola pública de ensino médio em Itapipoca-CE. As conclusões provisórias apontam para a existência de uma educação sexual voltada ao combate de DSTs/AIDS e da gravidez precoce, por intermédio de sistemáticas. Em relação ao combate de práticas homofóbicas, pode ser percebida a total ausência de sistematicidade sobre a matéria dentro do programa de orientação sexual efetivado pelos professores. Deste modo, fica a cargo do professor a decisão sobre a existência do debate e os modos como proceder. Não há ações constantes que discutam questões de gênero. Na escola pesquisada, o enfrentamento à

homofobia tem sido realizado pela assunção de alunos gays e lésbicas, através de uma espécie performatividade protagonista *Queer*.

Palavras Chave: Educação sexual, enfrentamento à homofobia, protagonismo *Queer*.

Introdução

Vivemos em um país marcado por profundas hierarquias e desigualdades sociais. Tais desníveis operam não apenas no que diz respeito à questões de distribuição de rendas entre grupos humanos, mas também há hierarquias e desigualdades que condenam indivíduos à situações de subalternização, pela posição subjetiva que estes ocupam. Não raro, cada uma dessas situações se apóia na outra, mesmo tempo em que dá suporte (grupos socialmente excluídos devido à rejeição dos seus modos de existência normalmente estão abaixo do padrão salarial em relação a grupos que correspondem à ordem desejada, idealizada). Homossexuais integram grupos socialmente excluídos.

Foucault, no seu livro vigiar e punir (1998), narra a emergência de um poder que incide sobre o corpo dos indivíduos, operando na correção de cada detalhe inconforme com aquilo que se supõe ou se diz ser normal ou natural. Trata-se do poder disciplinar que, distribuído em rede (instituições que se interligam em torno de projetos comuns), contribui para a tomada do indivíduo enquanto alvo de um olhar constante que, associado à técnicas de correção, serve para comparar, diferenciar, hierarquizar, homogenizar e excluir indivíduos. Ou, como o mesmo resume em uma palavra, um poder que serve para *normalizar*.

Importante ressaltar a escola como um dos grandes meios de confinamento para fins disciplinares e, portanto de normalização das condutas. O poder disciplinar impõe um padrão de subjetividade a ser seguido e realizado que é aquele que corresponde ao modo de ser heteronormativo, esbranquiçado, patriarcal e masculino e europeu. Nas escolas, qualquer desvio do que é considerado a norma deve ser prevenido e/ou remediado.

A associação entre escola e homofobia, atitude clara de preconceito, não é desconhecida. Louro (2000) nos mostra que a escola produz homofobia como modo de realizar estratégias educativas que objetivam determinar os modos como devemos ser

homens e mulheres, sem incluir a possibilidade de qualquer um destes sentir-se à vontade em relação à possíveis desejos por pessoas do mesmo sexo.

Embora concordemos com Louro em relação ao fato de que as escolas são instituições heteronormativas e que são produtoras, intensificadoras e mantenedoras de preconceitos, é importante considerar a escola como campo de forças. Nela há, sem dúvida, uma tendência à normalização das condutas humanas, porém é crível também que hajam mecanismos de resistência a processos heteronormativos.

Metodologia

A partir da articulação entre heteronormatividade e preconceito sexual no espaço escolar que a presente pesquisa se desenvolveu. A partir da análise do discurso de professores de uma escola pública de ensino fundamental e médio na cidade de Itapipoca-CE e que realiza práticas sistematizadas em educação sexual, esta pesquisa objetivou compreender se nestas ações há a existência de estratégias de enfrentamento da homofobia e, caso não haja, como elas surgem em situações não programadas.

Para realizar tal análise foi construído um questionário e aplicado na presença do pesquisador a 5 professores e 3 gestores escolares, em uma escola que desenvolve trabalho em educação sexual. O questionário objetivou identificar aspectos relacionados a três direções. Sobre o trabalho de orientação sexual realizado pela escola:

Quais temas são trabalhados por ela? Que instrumentos e metodologias são utilizados. Onde o professor busca formação para desenvolver tal prática? Neste trabalho há proposta sistematizada de combate à homofobia? Caso não:

Também procurou-se identificar a existência de episódios de homofobia no espaço escolar, sua frequência, modos como se manifestam, os atores envolvidos e suas consequências. Além do mais, foi possível perceber questões relacionadas a possíveis práticas (mesmo assistemáticas) de combate à homofobia. A análise dos dados se ordenou segundo alguns princípios da análise de discurso tal qual pensou Foucault,(2008) para quem um enunciado é sempre ordenado segundo um sistema de referências que o torna possível, que deve ser tomado na sua singularidade e superficialidade não sendo tratado como um discurso que encobre uma significação oculta que precisa ser revelada através do trabalho do pesquisador.

Heteronormatividade e homofobia e seus funcionamentos na escola.

O cerne do modelo explicativo que norteou o olhar desta pesquisa, identifica a homofobia a partir do modelo psicossocial. Isto pois, embora a homofobia se manifeste no comportamento do indivíduo, ela é incrementada por um conjunto de valores, atitudes e saberes disponíveis e valorizados socialmente e que, guiados por um modelo heteronormativo que, como diz Miskolci (2013) expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade.

Disseminada socialmente, a homofobia contribui para o estabelecimento de relações de ódio, violência e exclusão social de pessoas não heterossexuais. Parte, pois, da derrogação de indivíduos não heterossexuais e busca, enaltecer o lugar da heterossexualidade como padrão normal de comportamento.

A escola tem sido constantemente identificada como espaço heteronormativo. No livro *Pedagogias da Sexualidade*, Louro (2000), a partir de elementos descritivos do cotidiano na escola, argumenta que as escolas promovem ordenamentos sobre a relação das pessoas com seu corpo e com o exercício de sua sexualidade (modos de construí-las, julgá-la, usá-la etc.). Os modos como as escolas realizam tais operações pautam-se em concepções binárias que distingue, de modo naturalizado, a diferenciação entre o que é ser homem e o que é ser mulher ao mesmo tempo em que propõem padrões específicos de comportamentos considerados como sendo adequados a meninos e meninas. Em nenhum dos dois casos, a homossexualidade é bem-vinda. Diz Louro (2000, pág. 21)

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. (LOURO, 2000, p.21)

Outro importante mecanismo produzido e produtor de preconceito de gênero é o silenciamento sobre a diversidade sexual. O silenciamento, como nos diz Prado e Machado (2012) é um dos mecanismos de invisibilização daquilo que se pretende silenciar. Junto com a naturalização das desigualdades sociais, é uma estratégia para fazer com que sejam diminuídas possibilidades que denunciem que a hierarquia entre os sexos e entre a diversidade de orientações sexuais, longe de ser uma obra da natureza, é um artefato político.

Aliada à invisibilidade, tem-se nas escolas, a segregação, operada pelo medo do contágio. Como nos diz Louro (2000, p. 19),

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse "contagiosa", cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade.

Por fim, na pedagogia do corpo ensinada nas escolas, espera-se que, idealmente, cada indivíduo aprenda como deve ser e seja capaz de se autogovernar na direção da heterossexualidade. Nessa pedagogia cotidiana, sutil e ininterrupta, é pretendido que meninas e meninos fiquem atentos aos modos pelos quais eles podem vir a garantir uma sexualidade que é considerada como saudável, natural, normal. Por tudo isso é de modo. Provável, pode ser dito que a escola é o pior lugar para se vivenciar um processo de assunção a uma vida gay.

As pesquisas estatísticas mostram dados alarmantes. A Unesco (2013) divulga altos índices de preconceito entre professores (para 59,7% deles é inadmissível que uma pessoa tenha relações homossexuais e que 21,2% deles tampouco gostariam de ter vizinhos homossexuais), ao mesmo tempo que identifica que apenas nove, entre 898 cursos de formação de professores incluem a diversidade sexual como tema obrigatório nos seus currículos. A mesma pesquisa revela ainda que, na maior parte do planeta, mais do que 50% da população homossexual sofreram agressão e violência na Escolas. No Brasil, 40% dos homens gays entrevistados disseram ter sofrido algum tipo de violência física por ser gay.

Uma matéria Publicada na revista escola mostra a homofobia como um dos principais motivos para a prática de *bullying* nas escolas. A revista relata que uma pesquisa realizada em 2009 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) identificou alunos negros e homossexuais como principais vítimas de *bullying* na escola. 87,3% dos entrevistados afirmaram ter algum tipo de preconceito contra homossexuais..

A descrição da escola em termos heteronormativos e homofóbicos pode deixar transparecer uma ideia de que na escola, o poder da heteronormatividade funciona a partir da opressão de homossexuais. Embora isto não seja uma inverdade, a heteronormatividade e a repressão a ela associada devem ser compreendidas no jogo de produção de certos modos de ser homens ou mulheres.

Um outro aspecto, que também pode ser pensado a partir da noção de poder de Foucault, é a relação que existe entre poder e resistência. Sendo o poder uma relação de

força e não propriedade de alguns que a tomam como instrumento de opressão de outros, Foucault (1998) percebe o poder como atravessando o corpo social, se estabelecendo de modos específicos e em contexto específicos e que toma os indivíduos ao mesmo tempo como seu efeito e instrumento.

Por isso mesmo, dado ao fato das relações de poder serem pensadas em um campo de forças, onde há poder, há resistência. E esta resistência também é operada a partir de estratégias específicas, advindas da composição tática, da criação de estratégias (mesma matéria do poder) disponíveis no contexto. Os problemas a que respondem, os tipos de liberações que desejam instalar só podem ser compreendidos como em função daquilo que se apresenta e do que se pensa interessante pensar e fazer dadas as circunstâncias que se apresentam. A resistência é, portanto, estratégia local que se coloca em um território permanentemente instável. Parte constata no contexto escolar, já que a escola é palco onde são encenadas as tramas da tensão do drama da vida real e a idealização do modelo normativo.

Neste sentido, ao se trabalhar com questões de gênero e escolarização, é interessante que afiemos nosso olhar em busca de estratégias de resistências que se voltam contra o modelo da heterossexualidade compulsória ao qual a escola se alinha.

Resultados da pesquisa.

Os dados coletados na escola pesquisada apontam para a existência de uma educação sexual sistemática, voltados para a informação sobre métodos contraceptivos, etiologia e sintomatologia das DSTs. Em nenhum momento foram citadas ações sobre debates de gênero. *Queer*

Os professores foram indagados sobre suas competências para realizar práticas de educação sexual. Todos se afirmaram competentes para tratar de tal matéria, a partir de uma formação autogerida, que inclui a leitura de artigos de revistas e outros meios de divulgação sobre temas referentes à educação sexual.

Porém, quando a pergunta foi refeita e direcionada a consideração sobre se estavam aptos a trabalhar com questões referentes a diversidade sexual e homofobia, os professores disseram não estar preparados para realizar este tipo de educação sexual e apenas um professor disse que, mesmo não preparado, já havia discutido sobre o tema

em sala de aula uma única vez, de modo informal, por conta de uma tensão do momento.

A mudança na sua posição afirmativa sobre a capacidade de realizar atividades em educação sexual após a introdução da diretividade para questões da homofobia, revela: uma concepção de educação sexual que exclui questões referentes das políticas de ordenamento dos corpos e que reduz esta ação a explicações biofisiológicas sobre gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis.

Se Louro (2000) e Prado e Machado (2012) tiverem Razão, a estratégia de reduzir à sexualidade a fenômenos biofisiológicos referentes à reprodução e evitação de doenças, a utilização de saberes advindos exclusivamente do campo das ciências da natureza, tem como objetivo ocultar a diversidade sexual e posicionar a heterossexualidade como a única experiência sexual possível. A escolha dos professores, na sua formação autodirigida, revela a inclinação para perpetuação de tais ideias.

Sobre os motivos que levavam os professores a não acreditarem em suas competências para tratar do tema diversidade sexual e homofobia, dois fatores foram elencados; os próprios preconceitos (argumento que surgiu em três falas) e todos os professores disseram não terem tido formação acadêmica adequada a tal ação e nem mesmo após a formação universitária. Lembremos dos dados da Unesco (2013) que aponta a quase inexistência da abordagem sobre diversidade sexual nos cursos de formação de professores. Na fala de um entrevistado,

“Eu atribuo mesmo assim porque eu não problematizei esse assunto ainda da LGBTT porque ainda falta de formação mesmo que eu não tenho. Eu não tive essa formação na graduação. A gente passa quatro anos e meio mais praticamente não tem nada. Se eu não procurar alguma coisa extra... Não tenho não. Não tenho” (p. 4)

Mais da metade dos professores identificam como estratégia de supressão dessa carência, um processo formativo querença a ser oferecido pelo estado é ministrado dentro de um perfil de interdisciplinaridade. Tal fala é representativa deste ponto de vista:

Eu acho que a gente tem que ter um projeto né dentro da SEDUC já que nós somos uma escola do estado pra que possa ter uma formação né dos nossos profissionais. Isso uma formação com psicólogos, com terapeutas. Sabe? Uma formação dos nossos profissionais em relação a esse tema que não é tão simples de ser trabalhado dentro das nossas escolas. (p. 1)

Embora os professores afirmem não serem preconceituosos, algumas falas denunciavam o oposto da ideia: “amar o pecador e não o pecado” (G3), “não sou a favor, mas respeito” (P3), “não quero isso pra minha vida, mas não tenho nada contra e respeito” (p2). Além do mais, Um dos gestores atenta para o fato de não ser capaz de discutir temas relacionados à diversidade sexual e homofobia, por ser difícil romper com os valores adquiridos na família e na sociedade contribuem coincidindo com ideias homofóbicas

“Às vezes a própria formação e a cultura de formação que a gente já teve desde infância, sabe com tratamento com relação de pai, com relação de mãe, com relação de família. Aquilo já fica incorporado, fica incorporado em ti. Sabe. Então eu eu com toda sinceridade eu não me sinto preparado a fazer este trabalho hoje em sala de aula.” (G.1)

Um aspecto observado foi o fato de nenhum professor reconhecer a homofobia como atitude existente na escola. Porém Ao serem questionados, quando pedido para que descrevam práticas de homofobia no espaço escolar, os professores identificam casos apenas entre alunos. eles citam as piadas e brincadeiras jocosas, embora isso não seja considerado por eles como uma agressão.

“Às vezes a gente vê as atitudes em geral de alunos não é que são adolescentes é por parte deles mesmos na relação aluno-aluno não é por parte porque são jovens falta amadurecimento, mas nada assim que eu tenha identificado pra de forma como forma de agressão né Aqui eu acho até um clima bastante agradável os meninos que têm uma Educação Sexual diferenciada. Não tenho muito problema com isso”. (G.2)

O não reconhecimento da agressão nas brincadeiras existentes entre os alunos, nos remete à ideia de Prado e Machado (2012) para quem a homofobia promove um processo de naturalização das hierarquias entre grupos sociais, visando o ocultamento das condições sociais que determinam tais diferenciações hierarquizadas. A associação das piadas a uma suposta imaturidade entre os alunos adolescentes e o reconhecimento delas enquanto normais e naturais entre os mesmos, nos parece, ao que tudo indica, mais um dos processos de ocultamento envolvidos nas atitudes de preconceito.

Porém, mesmo não reconhecendo (ou reconhecendo de modo ambíguo) existência da homofobia no espaço escolar, os professores afirmam intervir quando tais acontecimentos surgem. O modo como lidam com expressões de preconceito sexual é

partindo do silenciamento dos alunos e o do próprio reforço aos mecanismos da homofobia. Nas falas dos sujeitos:

“Quando isso acontece geralmente dentro de sala, a gente procura, eu particularmente procuro parar a aula né, chamar a atenção né, dizer que realmente que não pode porque você tá denegrindo a imagem do colega que não é uma atitude bem-vista né?” (P.3).

“Sim, pedi que o colega pedisse desculpas ao outro”. (P.2).

“Pedi pra parar com essas brincadeiras”. (P.5).

A associação à ideia de que ser gay é ter imagem denegrada e que requer pedido de desculpa pela “ofensa”, já demonstra, de imediato, a noção de uma sexualidade ou existência desviada ou inferiorizada para aqueles que são gays. Talvez isso possa ser encarado como uma nova forma de preconceito, como disse Tajfel (2007) onde a atitude homofóbica tem se tornado mais sutil, dado o fato de que os sujeitos envolvidos já assimilaram discursos que o proibem de agredir frontalmente os outros, embora esta agressão se dê de forma mais velada e dissimulada.

Também a partir da fala dos professores entrevistados, que conseguimos perceber os principais envolvidos no processo de desmonte da homofobia: os próprios alunos homossexuais. Percebe-se isto na resposta do respondente G2, quando perguntado sobre os conflitos pautados na relação com outros estudantes onde os alunos quando assumem sua condição, no caso, homossexual, sua maneira de ser dentro da sexualidade as brincadeiras perdem o sentido, por não achar que vai feri-lo de alguma forma.

“Até porque os alunos eles tão cada vez mais cedo assumindo sua postura e quando eles passam a se assumir como sua maneira de ser dentro de sua sexualidade.éé... tais brincadeiras né que acontece que a gente sabe que acontecem as brincadeiras elas perdem o sentido por não achar que... por os out..Por os outros alunos não achar que vai ferir mais aquele aquele rapaz que é assumidamente”. (G.2).

O “sair do armário”, parte da metáfora do *Closet*, tem sido considerado um marcador importante na vida de homossexuais. O sair do armário, atitude individual, se apoia em um sistema de referência que desordena as evidências dos que creem a heterossexualidade como único modo de orientação sexual possível..

O fato indica que os alunos gays e lésbicas são os principais responsáveis por tornar visíveis as diferenças no espaço escolar. Com efeito, a partir dessa visibilidade

provocada pela assunção gay é lésbica nos espaços escolares, temos uma performatividade protagonista, enredada num protagonismo *Queer*, que expõe a diversidade sexual e tensiona os binarismos comum.

Considerações finais

Ao que tudo indica, ao menos na escola pesquisada, a educação voltada ao combate à homofobia se faz de modo intuitivo e assistemático. Ficando à mercê da vontade do professor (e poucos sentem vontade de trabalhar com o tema), ela praticamente inexistente. Contribui para tal deficiência a ausência de formação sistemática sobre o assunto e a dificuldade que professores sentem de superar seus próprios preconceitos, que são sequer bem reconhecidos.

O não reconhecimento de atitudes homofóbicas entre alunos, a naturalização das relações de sociabilidade baseadas no preconceito sexual nos dá indícios de que a escola pesquisada não consegue lidar claramente com a homofobia, contribuindo para a sua perpetuação no espaço escolar e social como um todo.

Por outro lado, identificou-se que, provavelmente, a principal estratégia no enfrentamento à homofobia surge da assunção gay é lésbica no espaço da escola. Ao assumirem-se gays e lésbicas, ao tornarem visíveis diferentes ordenamentos sexuais, alunos e alunas gays e lésbicas tem desmontado o valor da chacota, num processo que aqui tentamos compreender como protagonismo *Queer*, espécie de performatividade, que mesmo realizada de modo individual, tem uma referência socialmente constituída e retorna ao social desconstituindo suas evidências, ao expressar modos de performatividades sexuais diferenciada da norma.

O reconhecimento da existência de performatividade *Queer* no espaço escolar contribui no sentido de mostrar a insuficiência das pesquisas que encontram nas escolas apenas um espaço de repressão, ignorando os enfrentamentos existentes. De outro lado, ao reconhecer a sua existência, a educação para a diversidade não mais deve desconsiderar que a diversidade sexual já existente no universo escolar, sendo a sua manifestação um importante apoio no trabalho de uma educação sexual voltada para a compreensão política da sexualidade humana, condição necessário à superação do preconceito e subalternidade social ao qual gays, lésbicas, travestis e transexuais estão expostos.

Referências

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Petrópolis, Ed. vozes, 1998.

_____. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2008.

LOURO, Guacira. *Pedagogias da sexualidade*. In: _____. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MISKOLCI, R. Teoria *Queer*: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2 edição, 2013.

PRADO, M. A. M; MACHADO, F. V. Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo, Ed. Cortez, 2012.

TAJFEL, H. Grupos humanos e categorias sócias: estudos em psicologia social II.

UNESCO. *Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico*. Brasília, 2013. Lisboa: livros Belo Horizonte.